

**Bloco de Esquerda****A ESQUERDA COM RESPOSTA À INFLAÇÃO**

**Candidatura à Comissão Coordenadora Concelhia de Aveiro às  
eleições de 22 de outubro de 2022**

	<b>Candidat@s</b>	<b>Nº aderente</b>	<b>Idade</b>	
1	João Moniz	11.411	32	investigador
2	Celme Tavares	6.666	48	técnica superior no ensino superior
3	Ivo Angélico	8.468	33	engenheiro de telecomunicações
4	Jerónimo Dias	10.561	60	inspetor tributário
5	Rita Baptista	10.219	41	farmacêutica
6	Nuno Penas	16.409	19	estudante
7	Virgínia Matos	6.668	44	assistente técnica SNS
8	Sónia Gamelas	13.378	47	assistente operacional escola pública
9	António Monteiro	12.586	44	assistente operacional SNS
10	Eduardo Antunes	11.907	26	bolseiro de investigação
11	Ana Mingatos	13.833	31	designer de comunicação
12	Nelson Peralta	1.664	41	biólogo
13	Tiago Barbosa	12.837	33	metalúrgico/bombeiro
14	Andreia Fonseca	11.525	32	psicóloga
15	Raquel Wilson	13.096	26	criminóloga
<b>Candidat@s Suplentes</b>				
1	Rui Faria	15.497	41	operário fabril
2	João Labrincha	11.840	39	responsável de comunicação numa ONG
3	Florabela Jesus	16.392	57	pré-reformada
4	Olegário Rocha	11.409	46	motorista
5	Isabel Marques	14.723	60	assistente operacional escola pública
6	João Carlos Coelho	11.915	57	eletromecânico
7	Maria João Branco	15.135	20	estudante
8	Francisca Matos	15.413	26	trabalhadora-estudante
9	Marco Tavares	13.912	24	estudante
10	Sónia Correia	14.760	49	técnica superior SNS
11	Manuel Gomes	15.619	22	estudante
12	Alfeu Frade	15.940	32	receptionista
13	Mafalda Henriques	15.910	35	engenheira de desenvolvimento

**1 – As eleições autárquicas e a consolidação do Bloco como 3ª força política em Aveiro**

1.1 – Em Aveiro, o Bloco de Esquerda elegeu duas pessoas para a Assembleia Municipal atingindo 8,42%, o terceiro resultado mais alto do Bloco no país. Este resultado foi apenas suplantado em Salvaterra de Magos (onde o Bloco já foi poder, mas onde tem perdido grande parte da votação) e em Ferreira do Alentejo (pequeno município com 6 mil eleitores e onde a base da candidatura foi um movimento social existente).

1.2 – Foram ainda eleitos 4 elementos para as Assembleias de Freguesia (Oliveirinha, Glória e Vera Cruz, Santa Joana e Esgueira) e, em Cacia, ficámos a apenas 6 votos de eleger. Globalmente, o Bloco de Esquerda continua como 3ª força política destacada no concelho e mantém-se com possibilidades de disputar a eleição de um vereador.

1.3 – A campanha eleitoral foi imaginativa e mobilizadora, gerando por ela própria factos e centralidades nestas autárquicas. A candidatura do Bloco de Esquerda conseguiu ainda ser reconhecida por algumas das suas ideias centrais, sendo recorrente ouvir nas ruas que era a candidatura da habitação ou dos transportes públicos. A campanha também reforçou a base orgânica do Bloco com muitas pessoas a aderirem ao partido.

1.4 – No contexto nacional adverso destas eleições para o Bloco de Esquerda, os resultados em Aveiro foram bastante robustos e deixam uma base sólida para todo o trabalho futuro do partido e para as eleições autárquicas de 2025.

1.5 – A candidatura do PSD/CDS situou-se na linha ténue que separa a campanha da usurpação dos cargos e da instituição da Câmara Municipal, para inaugurações e comunicações. A sua maioria absoluta reforçada mantém a linha de impostos no máximo para serviços no mínimo e a gentrificação do concelho. O processo de descentralização, criado por acordo entre o PS e o PSD, reforçou a onda de privatizações, com as funções até aqui desempenhadas pela segurança social a serem entregues a entidades particulares em Aveiro. Com a presente crise inflacionária, as políticas do executivo municipal prejudicam ainda mais quem tem menos rendimentos. Estando o PSD no poder em Aveiro, o Chega – partido que nasceu a partir de membros do PSD – comporta-se na Assembleia Municipal como partido amestrado da maioria PSD/CDS.

1.6 – O engrossar da direita só foi possível com o colapso da candidatura errática PS/PAN, que adotou uma linha populista e justicialista, com mais ataques ao carácter e à morada fiscal do presidente de câmara do que na apresentação de ideias alternativas, o que apenas facilitou a campanha do PSD/CDS. Pelo caminho, destruiu o movimento contra o estacionamento subterrâneo no Rossio. Sem surpresas, um dos seus principais rostos está a aproveitar a promoção da candidatura para criar um novo partido de ataque à democracia. É esta a herança que a candidatura PS/PAN deixa em Aveiro.

1.7 – Ao longo do mandato, o Bloco de Esquerda continuará na defesa do seu programa eleitoral que luta por um concelho mais solidário, justo e inclusivo: programas de habitação a preços controlados; constituição de um serviço público de ação social; transportes públicos intermunicipais; tarifas sociais na água e resíduos; e um concelho preparado para as alterações climáticas, continuam a ser necessidades de Aveiro.

1.8 – De notar que o pequeno espaço que se reclama de oposição interna escolheu não integrar as listas, recusou participar na campanha e/ou anunciou não votar na candidatura. Estas decisões colocam em evidência que esse espaço não se assume como alternativa. Não estão em causa práticas e ideias diferentes, mas sim o objetivo de causar dificuldades e sabotar o trabalho do Bloco de Esquerda no concelho.

## **2 – As eleições legislativas e o regresso do PS que corta**

2.1 – O Bloco de Esquerda obteve um resultado negativo bastante pesado nas eleições legislativas de 2022. É necessário redobrar o trabalho para alargar a confiança popular no partido.

2.2 – Ainda assim, o contexto em que decorreram as eleições legislativas depressa se esfumou. O mito do autoproclamado “orçamento mais à esquerda de sempre” desapareceu para dar lugar à realidade das dificuldades do serviço nacional de saúde e da generalidade dos serviços públicos, do aumento galopante do preço da habitação, da perda salarial, do corte de pensões e da incapacidade de responder à crise.

2.3 – Na campanha e agora no início do mandato, o PS ensaia, em Portugal, a tática de Macron. Tenta imprimir o medo para reduzir as escolhas entre o PS que corta e a barbárie de um governo da direita com a sua extrema. Assim, o PS evita responder pelo desastre das suas políticas e limita-se a apontar para cenários ainda piores. Esta tática nega a própria essência da democracia como campo de escolhas e de alternativas e, como em França, promove o partido da política de ódio. Também como em França, a esquerda anticapitalista deve saber aglomerar forças numa resposta de justiça social às políticas liberais do governo.

2.4 – Às dificuldades de toda a direita, ainda refém da memória do governo da troika, soma-se agora a crise de inflação que a deixou sem respostas. O discurso da direita contra as funções sociais do estado depressa faliu. No início, agitavam contra impostos como causa única do agravamento generalizado das condições de vida, mas os impostos sobre combustíveis baixaram e os preços e lucros das petrolíferas continuam em alta. Numa crise em que o capital acelera o assalto aos salários da classe trabalhadora através da inflação, a direita que protege a elite económica obviamente não tem resposta.

2.4 – Apesar da maioria absoluta do PS, existe um vasto campo social em Portugal que quer outras políticas e outro modelo de sociedade – mais solidária, sem exploração e qualquer tipo de opressão. É aí que o Bloco se insere e devemos estar nas mobilizações populares que representam essa alternativa.

## **3 – A crise de inflação ou como o capital assalta o trabalho**

3.1 – O país vive uma crise do custo de vida que esmaga os salários e poder de compra. À inflação, que já se sentia há anos no acesso à habitação, juntam-se agora a subida vertiginosa dos custos da energia e combustíveis e de bens de primeira necessidade, como a alimentação, assim como aumentos das taxas de juro. Portugal é um dos países em que os salários mais perderam poder de compra com a inflação. Já os lucros das empresas cotadas em Bolsa aumentaram 73% na primeira metade de 2022, com destaque para o setor energético, bancário e da distribuição alimentar.

3.2 – A crise do custo de vida vem somar-se ao agravamento das desigualdades por todo o globo, à degradação da democracia e dos serviços públicos e a modificações na divisão internacional do trabalho, resultante da crise sanitária da COVID-19, cujos efeitos negativos para os povos perduraram por muito tempo. Neste contexto, o governo do PS foi um dos que menos gastou para combater as consequências socioeconómicas da pandemia, acrescentando ainda mais crise à crise.

3.3 – A inflação, ao contrário dos lucros da elite económica, não caiu dos céus. A crise tem origem nos choques às cadeias logísticas globais, provocadas pela pandemia e pela invasão russa da Ucrânia. No entanto, a origem reside também nas brutais margens de lucro dos sectores da energia e da grande distribuição, entre outros, que estão a puxar os preços para valores in comportáveis.

3.4 – Perante esta realidade, o governo do PS tomou partido. Enquanto anuncia um pacote de medidas de ilusionismo, que no seu conjunto é inferior ao aumento extraordinário da receita de IVA resultante da inflação, o governo recusa aumentar salários e avançar com a tributação de lucros excessivos. O malabarismo do PS chegou ao ponto de apresentar um imenso corte nas pensões como se de um aumento se tratasse. Esta é a escolha do PS: proteger o privilégio dos grandes interesses económicos que ganham com a inflação e desproteger quem vive do seu trabalho. É política de classe em nome do capital contra o trabalho.

3.5 – A resposta à crise só poderá ser feita à esquerda. Com a maioria absoluta, o PS que corta direitos, salários e pensões está de volta com toda a força. A resposta é a luta dos trabalhadores pelos salários e pensões; pela imposição de tetos e margens nos preços da energia, habitação e alimentação. Um programa de apoio aos trabalhadores e à economia não dispensa a tributação dos lucros excessivos na energia, banca e grande distribuição. É essa a alternativa que o Bloco de Esquerda representa.

#### **4 – Aveiro das lutas e um partido com capacidade de crescer**

4.1 – A presente candidatura à CCCA assume a linha de continuidade com a coordenadora cessante e as anteriores. Valorizamos o enorme crescimento orgânico do partido em Aveiro e assumimo-nos como espaço de socialismo, liberdade, democracia e participação.

4.2 – Reconhecemos a necessidade de diversidade de espaços e formas de militância e participação no Bloco de Esquerda e ainda a necessidade de promover a formação de quadros políticos preparados para toda a intervenção do partido.

4.3 – A Universidade de Verão do partido da Esquerda Europeia realizou-se em Aveiro e a sua realização só foi possível com a militância e o enorme esforço e trabalho de dezenas de aderentes do concelho e do distrito. Este foi um momento importante de reforço e entrosamento da organização local.

4.4 – O Bloco de Esquerda participa e valoriza as várias iniciativas de luta social em Aveiro e os seus ativistas. Desde a centralidade da luta d@s trabalhadores por trabalho com direitos e dignidade, à defesa dos serviços públicos. A marcha LGBTI+ é já uma marca em Aveiro que mobiliza centenas de pessoas. O movimento feminista é também reconhecido e permanente em Aveiro, assim como a greve estudantil e as mobilizações pela justiça climática. De salientar a atividade do movimento anti-racismo, num momento em que organizações com cheiro a mofo pretendem trazer políticas do passado. É este o retrato da Aveiro terra da liberdade.